PSICOSE: A MATRIZ CLINICA DE LACAN

"Nosso ponto de partida é o seguinte: o inconsciente está presente na psicose. O inconsciente está ali mas não funciona ... Este fato não implica por si mesmo nenhuma resolução: muito pelo contrário, isto comporta uma inércia muito especial".

Isto foi dito por Lacan em 1955. E mais "não se há que tomar psicóticos em análise porque toda a doutrina que se possui sobre este tema mostrará um impasse", continua Lacan (Seminário III. As Psicoses).

Esta afirmação, 23 anos após sua tese sobre a psicose paranóica, mostra o longo caminho percorrido por Lacan, antes de alcançar sua teorização sobre a psicose, sem que, por isso, tenha obtido resultados eficazes no que respeita ao tratamento.

Já em 1932, Lacan se preocupava com a necessidade de elaborar uma teoria mais consistente sobre as psicoses, ao mesmo tempo que proclamava a urgência de uma forma de tratamento eficaz, já que a psicanálise pouco ou nada conseguira neste campo.

Em 1955, no seu Seminário sobre as psicoses, Lacan coloca ainda a questão do tratamento (da psicose) como um objetivo a ser alcançado pelo seu trabalho, naquele ano!

Dois anos depois, ele afirma que meio século de freudismo aplicado à psicose deixa seu problema ainda a ser repensado, ou seja : a psicose se encontra no statu quo ante[1]. Aí Lacan é mais modesto. Embora diga que o artigo (trata-se de "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose) contém o que de mais importante fora dito em seu Seminário de 1955-56 (As Psicoses), ele o começa (tal é o título) e termina dizendo tratar-se apenas de uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses, na medida em que sua maneira de ver o problema introduz a necessidade de se reconceituar a questão da transferência no tratamento.

Como se vê claramente, o problema da psicose continua a perseguir Lacan vinte e três anos após ele ter se proposto inventar uma nova teoria e uma forma de tratamento eficaz para a psicose.

Deixo de lado aqui a teoria lacaniana sobre a forclusão do Nome do Pai, com a qual ele pretende ter encontrado a chave explicativa para a psicose. Isto já foi objeto de uma exposição de Ivan Correia.

Retomarei a questão tal como ela se colocou para Lacan à época de sua tese e a maneira como ele a encaminhou. Isto vai nos mostrar também sua via inicial de acesso a questões psicanalíticas, questões que atravessarão toda a sua obra.

Ao final levantarei algumas questões referentes ao tratamento das psicoses, dentro da ótica da teoria lacaniana.

---

[1] Cf. J. Lacan, *Écrits* (Paris:Seuil, 1966), p. 531.

[Segue-se uma análise da tese de doutorado de Lacan sobre a psicose paranóica de autopunição. Cf. meu artigo: "Lacan : raízes de uma teoria".]

SOBRE O TRATAMENTO DA PSICOSE

Já vimos como Lacan era prudente no que concerne ao tratamento da psicose, apesar de sua preocupação ante à necessidade de se descobrir uma forma adequada de terapia.

É de se notar que ao fim do seu trabalho "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose" (1957/58), referindo-se ao tratamento ele afirma ser prematuro dizer o que se pode fazer neste terreno, pois isto seria ir além de Freud, cuja técnica, se usada fora da experiência à qual ela se aplica, equivale a uma estupidez.[2].

Os desenvolvimentos teóricos que levaram ao conceito de forclusão do Nome do Pai problematizaram ainda mais a questão da análise do psicótico, pois, de acordo com a teoria, a forclusão do Nome do Pai é incurável!

Ao contrário do sintoma neurótico, o conteúdo do delírio não é cifrado, mas desvelado, não se vendo bem qual o destino que poderia caracterizá-lo como uma mensagem. Aqui, "o inconsciente está a céu aberto".

Por outro lado, como introduzir o psicótico na produção do discurso analítico e, consequentemente, no enlace transferencial, se dele está excluído o corpo fundamental de significantes, o que lhe impossibilita a produção de um saber sobre a verdade? Com efeito, no psicótico assiste-se a uma inércia da simbolização, que barra qualquer articulação de significantes dentro de uma cadeia onde os efeitos de significação possam circular entre o sujeito e o Outro.

Lacan diz que na psicose o inconsciente está presente, mas não funciona. O psicótico é assim "um martir do inconsciente"[3]. Assim, não funciona o enlace transferencial, pois ele já vem com um saber constituído; não funciona tampouco a interpretação. Interpretar o que, se o delírio já é em si uma forma de interpretação? E como? se a ele lhe falta o acesso ao significante fundamental que lhe permitiria articular-se numa ordem simbólica indispensável à geração de efeitos decorrentes de interpretações reguladas pelas alusões, enigmas, citações, equívocos, pontuações, escansões e cortes?

Sabe-se ademais que a interpretação na psicose pode desencadear delírios. Lacan chama atenção para o fato bem conhecido de uma análise poder desencadear, desde os seus primeiros momentos, uma psicose, sem que ninguém tenha explicado o porque. E ele fala então de um "manejo imprudente" da relação analítica.[4]

---

[2] Cf. Ibid., , p. 583.
[3] Cf. J. Lacan, *O Seminário, livro 3, As psicoses* (Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor), p. 153.
[4] Ibid., p. 24.

Mas, poderíamos perguntar, qual seria a forma prudente? Como substituir o reconhecimento no plano imaginário pelo reconhecimento no plano simbólico, quando se trata de um sujeito que, por não poder fazer uma mediação simbólica, prolifera no imaginário[5], mercê à rejeição de um significante primordial[6]?

Qual então o tratamento possível?

E qual o lugar do analista? De "prótese" do Nome do Pai, já que, no caso, é-lhe absolutamente contra-indicado posicionar-se como o Outro, visto que o psicótico não o vê como barrado, sentindo-se, em conseqüência, objeto do seu gozo, isto é, do gozo do Outro (não barrado)?

Decididamente, aqui mais do que nunca "a vida do psicanalista não é cor de rosa"[7]. O que não impede Lacan de dizer que "o analista não deve recuar diante da psicose"[8] e que o perigo de vir a delirar juntamente com o doente não nos deve intimidar mais do que não o fez a Freud.[9]

BIBLIOGRAFIA

LACAN, Jacques. "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose". *Écrits.* Paris:PUF, 1966. p.531-583.

– *O Seminário, livro 3, As Psicoses.*Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ORNICAR, nº9, 1969.

Luís F. G. de Andrade.
João Pessoa, 09 de agosto de 1991.

* Trabalho apresentado no Simpósio sobre a psicose, organizado pelo Centro de Psicanálise e Psicologia da Linguagem, em Recife, no dia 10 de agosto de 1991.

[5] Ibid., p. 104.
[6] Ibid., p. 97.
[7] Ibid., p. 39.
[8] Cf. *Ornicar*, nº 9, 1969.
[9] Cf. J. Lacan, *Écrits*, p. 574.